

DA (NÃO) MATERIALIDADE DO GÊNERO: A MÃO ESQUERDA DA ESCURIDÃO COMO UMA LEITURA DE CONTRADIÇÕES

LARA DOS SANTOS AZEVEDO¹; EDUARDO MARKS DE MARQUES²

¹Universidade Federal de Pelotas – lara.santos.azevedo@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – eduardo.marks@ufpel.edu.br

1. INTRODUÇÃO

A pesquisa desenvolvida até então tem como foco debates muito caros tanto à prática quanto à teorização feminista: seria possível essencializar a natureza feminina? Se sim, quais seriam as consequências práticas desta busca essencial para o sujeito mulher?

Enxergamos *O Conto da Aia*, romance distópico de Margaret Atwood lançado em 1985, como uma resposta a tendências essencialistas e separatistas do feminismo de segunda onda, já que entendemos o cenário distópico do romance de Atwood como não sendo apenas uma crítica ao contexto sociocultural moralista da década de 80, mas também como uma crítica à natureza “(...) limitadora e prescritiva do utopismo que sustentou muito do discurso feminista no início da segunda onda” (TOLAN, 2007, p. 145). Buscamos, então, dar seguimento a esta leitura do contexto histórico que gestou *O Conto da Aia* através da leitura de *A Mão Esquerda da Escuridão*, ficção científica de Ursula K. Le Guin publicada em 1969.

Enquanto Atwood responde aos anseios da segunda onda após seu fim, Le Guin responde ao seu contexto direto em 1969. Aí se justifica nosso interesse em um estudo comparativo entre *O Conto da Aia* e *A Mão Esquerda da Escuridão*. A leitura comparativa nos permite analisar com mais afinco a natureza da distopia de Gilead e da utopia de Gethen, assim como possíveis pontos comuns entre duas sociedades que se encontram em pontos opostos de um espectro.

2. METODOLOGIA

A análise se deu a partir da leitura das obras supracitadas e também de outros escritos, tanto de Atwood quanto de Le Guin. Esse processo se fez importante para o desenvolvimento de uma compreensão mais aprofundada dos temas que consideramos centrais para o entendimento comparativo dos romances.

Também importante foram os exercícios de leitura e discussão de textos teóricos sobre gênero, que serviriam como base para a discussão especializada do assunto, assim como a leitura de textos críticos sobre *A Mão Esquerda da*

Escuridão que pudessem auxiliar na compreensão holística da narrativa em relação ao seu contexto histórico.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O intuito maior deste trabalho é a análise da natureza da sociedade utópica de *A Mão Esquerda da Escuridão*. Para tanto, consideramos seu contexto de produção, assim como nossa leitura de *O Conto da Aia*, fruto de pesquisa anterior. Como Funck observa em *Feminist Literary Utopias* (1998), as utopias da década de 70 são explicitamente feministas “no sentido em que o seu alvo principal não é o capitalismo mas sim o patriarcado” e portanto “negam a validade de discursos hegemônicos e de instituições ao mesmo tempo que promovem uma redistribuição e reconceitualização do poder”¹ (p. 17, tradução nossa). Conceituar a ficção de Le Guin dentro desta tradição se prova um desafio, já que a narrativa pode ser lida tanto como uma desconstrução do patriarcado (e dessa forma, alinhada com o discurso feminista à época), como uma negação das ideias essencialistas do feminismo de Segunda Onda e suas utopias - o que Atwood também faria em 1985.

Le Guin escreve na introdução da edição de 1976 de *A Mão Esquerda da Escuridão* que a ficção científica não é um gênero prescritivo, mas *descritivo* e comprometido em descrever o presente. A ficção científica, para Le Guin, não é uma resposta e sim uma pergunta sobre o nosso próprio contexto. É esta visão que nos permite ler *A Mão Esquerda da Escuridão* como uma espécie de experimento de pensamento - muito como *O Conto da Aia* - baseado na filosofia feminista de Segunda Onda.

No universo de Le Guin, o estranhamento no contato com o Outro alienígena é predominantemente cultural. Mesmo a androginia dos Gethenianos de Le Guin não causa estranhamento físico no protagonista terrano Genly Ai, já que não há nada *claramente* alienígena na sua anatomia. Assim, Le Guin está livre para explorar sobre concepções *culturais* de gênero.

A androginia é, então, a ferramenta de exploração das consequências da abolição do gênero em *A Mão Esquerda da Escuridão*, assim como uma ferramenta de exploração do Outro - que causa estranhamento *apesar* de ser humano em aparência. O corpo Getheniano, para Genly (e, por extensão, para o leitor) é a contradição materializada: indeterminado e não-binário quando em sua fase não sexual, mas sempre potencialmente sexual e, por isso, inherentemente imprevisível. Assim, esse corpo é entendido como “um modo de tornar-se que, em tornar-se de outra forma, excede a norma, retrabalha a norma e nos faz ver de

¹ “Explicitly feminist in that their main target is not capitalism but patriarchy, [1970s feminist utopian] fictions deny the validity of hegemonic discourses and institutions at the same time that they promote a redistribution and reconceptualization of power.”



que forma realidades às quais nos consideramos confinados não são imutáveis”² (BUTLER, 2004, p. 29, tradução nossa).

Entendemos que o que está em jogo em *A Mão Esquerda da Escuridão* é “a questão da normatividade e o problema do reconhecimento” (PEARSON, p. 76). Grande parte da narrativa acompanha Genly em seu processo extenuante de entender e navegar as convenções sociais de Gethen, e as passagens em que as deficiências do personagem são mais aparentes nos falam dos perigos de tentar interpretar o Outro como um reflexo de nós mesmos. Assim, Le Guin confronta nossas limitações e as de seus leitores contemporâneos ao explicitar a incapacidade do personagem de conceber possibilidades que vão além de binarismos.

4. CONCLUSÕES

Percebemos que a aproximação entre Le Guin e Atwood se dá através da crítica que ambas fazem - em diferentes momentos históricos - ao utopismo e essencialismo do feminismo que as precedeu.

Sugerimos que, assim como Atwood em *O Conto da Aia*, a contribuição de Le Guin para a discussão não é uma proposta de rejeição da dualidade ou a abolição do gênero, mas a tentativa de enxergar seu dualismo sem estabelecer relações necessariamente hierárquicas entre feminino e masculino.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BUTLER, J. **Undoing Gender**. New York and London: Routledge, 2004.
- FUNCK, S. B. **Feminist Literary Utopias**. Florianópolis: Pós-Graduação em Inglês/UFSC, 1998.
- PEARSON, W. G. Towards a Queer Genealogy of SF. In: PEARSON, W. G.; HOLLINGER, V.; GORDON, J. **Queer Universes: Sexualities in Science Fiction**. Liverpool: Liverpool University Press, 2008. p. 72 - 100.
- TOLAN, F. The Handmaid’s Tale: Second-Wave Feminism as Anti-Utopia In: _____. **Margaret Atwood: Feminism and Fiction**. Editions Rodopi B.V., Amsterdam - New York, NY, 2007.

² “a mode of becoming that, in becoming otherwise, exceeds the norm, reworks the norm, and makes us see how realities to which we thought we were confined are not written in stone.”